

UNIVERSIDADE SANTO AMARO

Curso de Licenciatura em Filosofia

Rejane dos Santos Magalhães Sá

ENSINO DE FILOSOFIA SOB A PERSPECTIVA DE NIETZSCHE

São Paulo

2020

Rejane dos Santos Magalhães Sá

ENSINO DE FILOSOFIA SOB A PERSPECTIVA DE NIETZSCHE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Santo Amaro - UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Orientadora Profa. Dra. Bárbara Lucchesi Ramacciotti.

Praia Grande

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO

Rejane dos Santos Magalhães Sá

ENSINO DE FILOSOFIA SOB A PERSPECTIVA DE NIETZSCHE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título Licenciado em Filosofia.

Orientador(a) Prof(a). Dr(a). Bárbara Lucchesi Ramacciotti

São Paulo, 10 de dezembro de 2020.

Conceito Final: 10,0 (Dez)

S11 Sa, Rejane dos Santos Magalhães

Ensino de filosofia sobre a perspectiva de Nietzsche / Rejane dos Santos Magalhães Sa. – São Paulo, 2020.

23 f.

TCC Licenciatura (Filosofia) – Universidade Santo Amaro – 2020.

Orientador: Prof. Dra. Bárbara Maria Lucchesi Ramacciotti

1. Filosofia. 2. Nietzsche. 3. Moral. 4. Metodologia. I. Ramacciotti, Bárbara Maria Lucchesi, orient. II. Universidade Santo Amaro III. Título

Elaborado por Mônica de Almeida Sousa CRB8 / 9976

ENSINO DE FILOSOFIA SOB A PERSPECTIVA DE NIETZSCHE

Rejane dos Santos Magalhães Sá*

RESUMO:

A presente pesquisa tem por objetivo analisar o tema: o ensino de filosofia sob a perspectiva do *tornar-se o que se é* da filosofia de Nietzsche. A pesquisa parte do seguinte problema: O que quer dizer o lema *tornar-se o que se é* e como esta perspectiva filosófica de Nietzsche pode ser aplicada na prática pedagógica do ensino de filosofia visando à formação no discente do pensamento crítico, autônomo e criador de sentidos para a vida? Para responder ao problema da pesquisa, vamos examinar algumas hipóteses apresentadas por estudiosos da filosofia de Nietzsche e do tema ensino de filosofia. A análise do significado do lema *tornar-se o que se é*, tem como fonte primária o livro de Nietzsche *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. E como fonte secundária textos de especialistas, que analisam também a relação entre a filosofia nietzschiana e a educação, tais como: Ramacciotti (2018; 2019^a; 2019b), Acosta (2017), Viesenteiner (2010), Alves (2015), Brazil (2012). A pesquisa sobre o ensino de filosofia como formação do pensamento crítico e autônomo tem como referencial teórico autores clássicos e atuais, tais como: Chauí (2001), Leopoldo-Silva (1993), Favareto (1993), Silva (1993), Melo (2018), Ghiraldeli (2006). Trata-se de pesquisa teórica, de tipo bibliográfica de revisão de literatura sobre os temas abordados, que aplica métodos tipicamente filosóficos, tais como, exegese de textos, análise conceitual, interpretação e argumentação, contextualizados à obra do filósofo e de comentadores especialistas.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia; Nietzsche; vontade de potência; tornar-se o que se é.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar o tema: o ensino de filosofia sob a perspectiva da filosofia de Nietzsche. Nietzsche (2008) inspirado em Píndaro, utilizou como subtítulo do seu livro *Ecce Homo* a frase: como alguém se torna o que é. Neste livro Nietzsche mostra a filosofia como uma grande arte de transfiguração. O Filósofo é comparado a

* Aluna do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Santo Amaro. RA 2792923 rejanerosito@gmail.com. Data entrega: 10/10/2020. TCC sob a orientação da Profa. Dra. Bárbara Ramacciotti, Universidade Santo Amaro- SP – bmracciotti@prof.unisa.br

um alquimista que transmuta ou modifica o sofrimento e a doença em uma filosofia de afirmação da vida.

O trabalho tem como objetivo geral examinar o sentido o lema do tornar-se o que se é no âmbito da filosofia de Nietzsche, tendo como referência o conceito de vontade de potência e o projeto da Filosofia da afirmação da vida ou dionisíaca expostos no livro *Ecce Homo*. O objetivo específico visa analisar se a filosofia nietzschiana do tornar-se o que se é, enquanto afirmação da vida, vontade de potência e superação de si, pode ser entendida e aplicada como uma metodologia ativa para o ensino de filosofia, em termos da formação de alunos com pensamento crítico, autônomo e criador de sentido para a vida.

A pesquisa parte do seguinte problema: O que quer dizer o lema *tornar-se o que se é* na filosofia de Nietzsche e como esta perspectiva filosófica pode ser explorada na prática pedagógica do ensino de filosofia? Para responder ao problema da pesquisa, vamos examinar algumas hipóteses apresentadas por estudiosos da filosofia de Nietzsche e do tema ensino de filosofia, dividindo a análise em três tópicos, para verificar quais das hipóteses se aplicam à solução dos problemas propostos.

Com relação a metodologia trata-se de pesquisa pura e teórica, de tipo bibliográfica de revisão de literatura sobre os temas abordados, que aplica métodos tipicamente filosóficos, tais como, exegese de textos, análise conceitual, interpretação e argumentação, contextualizados à obra do filósofo e de comentadores especialistas.

No primeiro tópico será abordado o ensino de filosofia e para isso vamos usar como fio condutor Ramacciotti (2019 a), Ghiraldelli Jr. (2006); Chauí (2001); Favaretto (1993); Carminatti (2020). Definir o que é filosofia se faz necessário antes de adentrarmos o ensino de filosofia ao longo da nossa história, suas dificuldades, seus avanços e os seus objetivos como um todo.

No segundo tópico será abordado a teoria de Nietzsche através do lema do “tornar-se o que se é” e o conceito de vontade de potência, conceito este, essencial em sua obra que permitirá entender com mais profundidade o ensino de filosofia dentro da sala de aula. Nietzsche foi um dos pensadores que mais influenciou a cultura contemporânea, contundente e polêmico, foi um dos principais críticos do racionalismo.

No terceiro tópico vamos articular o ensino de filosofia e o pensamento de Nietzsche. Acosta (2017) nos ajuda a entender a crítica de Nietzsche com relação a educação, pois foi o seu contato direto com o sistema educacional que o fez revelar

como esses estabelecimentos de ensino eram nefastos contribuindo para a massificação da população.

Nietzsche (2008) no *Ecce Homo: como tornar-se o que se é*, apresenta seu projeto filosófico como uma crítica radical à moral instituída em grandes ideias idealistas, metafísicas, religiosas e até científicas, que retiram da vida e do ser humano o sentido próprio, na medida em que inventam uma vida melhor ou ideal para um além-mundo ou um mundo ainda não criado pela tecnologia.

Neste sentido, a filosofia de Nietzsche contribui para a formação de uma atitude filosófica crítica, dando espaço em sala de aula para o pensamento libertador, no qual temas como os tipos de vida (saudável e doentio, forte e fraco) podem ser experimentados como um exercício de distanciamento de nós mesmos.

A discussão com relação ao currículo e as regras institucionais farão parte deste tópico enquanto dificuldades impostas ao professor e seu aluno e ao mesmo tempo serão tidas como possibilidades de crescimento perante a superação. Com Mello (2018) veremos que o problematizar leva a um caminho de criação de si mesmo no mundo. Já Berrenechea (2015) traz em Schopenhauer a inspiração de Nietzsche para chegar no lema do tornar-se o que se é, ampliando o conceito. Com Nietzsche (2008) também vemos a proposta da filosofia dionisíaca definida como uma filosofia da afirmação da vida, trazendo a reflexão sobre a força dos impulsos e a superação de si mesmo diante de desafios e obstáculos da vida.

1. Ensino de Filosofia

Para adentrarmos o tema do ensino de Filosofia é importante conceituar o que é a filosofia trazendo a contribuição de Ghirdelli Jr (2006), que a define como uma atividade do filósofo que ao mesmo tempo que se mostra simples também é complexa. O Filósofo é aquele que busca explicar ou refletir sobre as causas e as razões para um fato ou situação existir. O banal começa a deixar de ser banal quando passa a ser pensado na sua profundidade.

A partir de um estranhamento, incomodo ou até mesmo admiração, a filosofia surge enquanto atividade que cuida de aspectos particulares de nossa vida e, nesse movimento, de desbanalização do banal, tudo fica mais “estranho” e se torna um problema onde o filósofo busca solucionar. A filosofia procura por solução, realização,

por transformação. Desbanalizar segundo Ghiraldelli (2006) é ir atrás das razões e suas causas a partir de explicações.

A partir de Chauí (2001) vemos que a atitude filosófica é uma atitude crítica livre de pré-conceitos em busca do conhecimento da verdade a respeito das coisas, das ideias, dos fatos, situações e comportamentos. Chauí traz de maneira esclarecedora a definição da Filosofia:

A filosofia é o não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana. Jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido. (CHAUÍ, 2001 p. 12).

A atitude filosófica ou questionadora nos faz distanciar de nós mesmos e dos fatos a nossa volta. Essa atitude crítica ou pensamento crítico que diz não ao senso comum, aos pré-conceitos e ao mesmo tempo busca conhecer as coisas, as ideias, os fatos, situações e comportamentos perguntando O que? Por que é? Como é?

Sobre o tema ensino de filosofia, Ramacciotti (2019a) ressalta que o professor tem a tarefa de ensinar filosofia como o próprio ato de filosofar na prática. Refletir sobre a prática do ensino de filosofia leva a pensar na pluralidade de temas e filosofias, os textos dos filósofos, seus comentadores e a atitude filosófica são recursos suficientes que nos permitem o pensar filosoficamente.

Refletir sobre a prática do ensino de filosofia leva a pensarmos na pluralidade de temas e de filosofias que podem ser tema de aula. “Um de seus aspectos é que somos obrigados a falar de *filosofias* e não de *Filosofia*” (LEOPOLDO-SILVA, 1993). Para se ter qualidade no ensino de filosofia nunca foi necessária a existências de muitos recursos, os principais que devem fazer parte do planejamento da didática são: o texto dos filósofos, seus comentadores e a atitude filosófica.

Com relação ao texto filosófico tão importante no contexto de sala de aula Favaretto (1993) ressalta que o texto filosófico tem a essência de toda a atividade filosófica. “É preciso acentuar, entretanto, que uma leitura não é filosófica apenas porque os textos são filosóficos; pode-se ler textos filosóficos sem filosofar e ler textos artísticos, políticos, jornalísticos etc. filosoficamente” (FAVARETTO, 1993, p.?).

Segundo Ramacciotti (2019a), além dos textos dos filósofos, o professor é o mediador desse conhecimento, deste aprender. O professor ensina visando à construção de significados e a busca de sentidos para a vida. A história da filosofia se faz importante no processo de formação do aluno, juntamente com a atitude

questionadora. Colocar em prática a atitude filosófica enquanto método didático faz com que o aluno possa assim aprender a pensar e refletir, tendo um papel ativo, crítico e responsável perante sua vida, sua existência e suas escolhas. Este papel ativo vai proporcionar uma visão de mundo e aflorar os sentidos que vão orientar suas ações, afetos e pensamentos.

Para Carminatti (2020), o professor ocupa este lugar de saber e muitas vezes acaba surgindo nesse cenário como a personificação do poder, dificultando o processo de ensino-aprendizagem, pois o objetivo é o diálogo com a Filosofia. Por isso muitas vezes vemos nessa relação, atitudes autoritárias e cheias de conflitos. “Nesse sentido, a atividade filosófica desses professores está voltada muito mais para uma tentativa de levar os alunos a atingirem a erudição do que a serem testemunhas de sua desordem interior” (CARMINATTI, 2020, p. 1).

O autor enfatiza a importância de a disciplina Filosofia dialogar com as demais áreas de saberes. A filosofia foi se tornando uma disciplina fragmentada, especializada e é a partir da religação destes saberes, que se pode estabelecer a interligação com as artes, a ciência e os aspectos sociais promovendo o interesse pela realidade social que o aluno vive para que se adquira “sentidos” (MORIN *apud* CARMINATTI, 2002, p.36).

Carminatti (2020) continua sinalizando que o professor exercer sua prática docente de modo que seu aluno possa se sentir protagonista no processo de aquisição de conhecimento e construção de sua cidadania. Além de refletir sobre verdades estabelecidas, o professor pode trazer à tona o silêncio escondido atrás dos discursos, buscando a compreensão desde a origem das experiências humanas além do significado dessas experiências enquanto indivíduo e sociedade.

Professor e aluno estão inseridos num contexto histórico e social, assim como todo filósofo: “toda filosofia tem como pano de fundo a biografia do filósofo que a sustenta” (RAMACCIOTTI, 2019a, p.9). Ramacciotti explica que as experiências individuais podem ser assim refletidas e ressignificadas tendo em vista o método e os conceitos da filosofia: “O filósofo não é aquele que tem o conhecimento e a posse das verdades, mas aquele que busca o conhecimento e a verdade, porque é o amigo ou o amante (*philo*) da sabedoria (*sophia*)” (2019a, p. 10).

Vincular o conteúdo do currículo dentro de sala de aula com a experiência de reflexão filosófica é extremamente necessária para possibilitar o protagonismo do

aluno, sua participação ativa, colocando em prática o pensamento crítico, tendo como meio, a atitude filosófica questionadora como principal metodologia utilizada dentro da sala de aula. A repetição criativa proposta por Cerletti (*apud* RAMACCIOTTI 2009) se torna útil enquanto metodologia de ensino. É nela que o aluno pensa de forma mais autônoma, criando sentido para sua existência, ou seja, só se aprende a filosofar filosofando.

De acordo com Mello (2018) existem duas formas de se abordar a filosofia e o ensino de filosofia. Pode ser apresentada como teoria ou sistema de pensamento, ou seja, como um ato de pensar ou mais especificamente uma experiência de pensamento. Na experiência de pensamento é levado em conta um movimento de pensar que afeta a vida de quem pratica.

Dessa forma, pensar deixa de ser sinônimo de saber ou conhecer e passa a se constituir como uma experiência que vai de encontro ao que há de estigmatizado, fixo, pronto, determinável, previsível e repetitivo no próprio pensamento. Assim, pensar consiste numa experimentação cuja efetuação não se limita a reproduzir um modelo, mas antes a fazer nascer o que ainda não existe, em fazer advir o novo, em criar um mundo diferente e, com este, outras possibilidades de vida (MELO, 2018, p. 6)

O autor considera que através dos problemas que surgem no ensino escolar, estes aparecem como resistências a práticas dominantes e tradicionais e ajudam a inspirar a possibilidade de práticas de educação que transformam e exercitam o ato de criação de si, de experiência de si que se comprometem com a produção de novas maneiras de valorar, de pensar, de sentir e agir, criando assim outros modos de viver. Essa prática de resistência e mudança acontecerá dentro e fora da escola, permitindo problematizar os sentidos que nos mantem adaptados com relação ao mundo e aos valores da sociedade a que pertencemos.

Melo (2018) leva em conta a problematização do pensamento como um caminho para a criação de si e além disso o experimentar através dos acontecimentos que demandam novos sentidos diante da inadequação de nossas maneiras de pensar, perceber o mundo, sentir e agir: “tornar-se digno daquilo que nos acontece” (MELO, 2018 p.14). De acordo com o autor ao invés de reagir ao mundo negando os problemas dos acontecimentos, estabelecemos uma relação ativa, afirmando no que acontece contribuindo para criar novas formas de pensar, sentir e se relacionar no mundo.

Enquanto dispositivo de problematização, a filosofia se coloca na contramão de toda forma de pensamento que busca soluções confortadoras ao espírito,

estando antes engajada na tarefa de formar o espírito crítico e problematizador e forçar o acionamento da capacidade criadora de novos sentidos para o pensamento. É neste sentido que, a partir das experiências de filosofia com crianças e jovens nas escolas, e mesmo da experiência em sala de aula com jovens e adultos na universidade, pretendemos afirmar que a filosofia se apresenta como um potente dispositivo de transformação dos modos de pensar, compreender e perceber a realidade daqueles que participam de seu ensino. (MELO, 2018, p. 15).

Os problemas podem aparecer nas diferentes matérias e contextos. Este não é somente uma propriedade da disciplina de filosofia. Estes problemas podem ser abordados nas artes plásticas, na literatura, na poesia, política e na própria filosofia. Não é restrito ao uso da filosofia e só se liga a ela por sua função problematizante. O filosófico se encontrando com o não filosófico na educação faz com que o ensino afete seus alunos e docentes abrindo possibilidades na maneira de compreenderem e se relacionarem com a diversidade.

Quando falamos em ensino de filosofia não podemos deixar de falar sobre as políticas educacionais e suas diretrizes curriculares. Esses documentos são extremamente importantes enquanto marcos legais para o professor de filosofia saber quais são os principais objetivos que orientam e regulam o ensino desta disciplina.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2001) que retratam os seguintes objetivos para o ensino de filosofia.

a) ensinar a pensar de modo crítico e autônomo; b) ensinar o conteúdo das obras filosóficas no contexto da história da Filosofia; c) ensinar a importância da contextualização dos temas e dos problemas filosóficos nos processos históricos e sociais; d) ensinar a importância da consciência de cidadania, ou seja, da responsabilidade social e do agir ético visando ao bem comum e à defesa dos direitos humanos fundamentais. (BRASIL, MEC, 2000).

A lei nº 9394 de 1996 estabelece as diretrizes e bases educacionais e é vista como a maior lei na área da educação do Brasil. É a partir desta lei - LDB 1996 regulamentada durante o governo de Fernando Henrique Cardoso que o ensino de filosofia foi ganhando mais espaço na política educacional e se torna em 2009 disciplina obrigatória no ensino médio, com a promulgação da lei 11.6841/2008.

Este retorno da filosofia ao ensino médio foi fundamental para ter o seu lugar enquanto disciplina obrigatória depois de 48 anos totalmente fora dos currículos escolares. A filosofia foi retirada dos currículos em 1961 com a 1ª LDB e depois durante todo o regime militar. Mesmo após a LDB de 1996, que no artigo 36 afirmava que “o

domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia” é “necessário ao exercício de cidadania”, a filosofia não foi incorporada aos currículos escolares.

Não obstante, a nova reforma na educação implementada a partir de 2018, a filosofia novamente perdeu o estatuto de disciplina obrigatória no Ensino Médio, pois a BNCC-EM, Base nacional Curricular Comum do Ensino Médio, define a filosofia e todas as outras disciplinas (História, Geografia, Física, Química, Artes etc.) como “estudos e práticas” opcionais, pois apenas as disciplinas de Português, Matemática e Inglês são obrigatórias nos três anos do E.M. nestes “novo” currículo.

2. Tornar-se o que se é e o conceito de vontade de potência em Nietzsche

Para compreender a filosofia de Nietzsche do “tornar-se o que se é” enquanto uma filosofia da afirmação de vida ou do dizer sim precisamos examinar a vontade de potência (*Wille zur Macht*), que é um conceito central para compreender o projeto filosófico nietzschiano. Antes faremos uma breve contextualização da obra de Nietzsche, tendo como referência Ramacciotti (2019b).

Nietzsche se mostra como um crítico radical da tradição filosófica. Sua obra marca o início do pensamento contemporâneo, exercendo influência em diversas áreas: da estética e da filosofia até o campo do comportamento e da cultura. Com Nietzsche há um questionamento quanto aos valores que dominam nos mais variados campos como por exemplo no campo da filosofia, religião, da ciência moral, política e etc. A autora ressalta que o aparecimento da psicologia enquanto ciência (sistemizada por S. Freud) se deve muito a Nietzsche com sua teoria da vontade de potência como impulsos ou instintos conscientes e inconscientes. A psicanálise, por sua vez, influenciou o surgimento de novas teorias da educação, bem como a chegada da psicopedagogia.

Desde seu primeiro livro “O nascimento da tragédia” (1872) o racionalismo de Sócrates foi submetido as críticas de Nietzsche, que via na razão exacerbada a morte do pensamento trágico dos gregos. A importância da tragédia na cultura grega é preservada em Nietzsche, pois resgata a importância dos impulsos apolíneo e dionisíaco. Há uma simetria entre os impulsos apolíneo e dionisíacos e o conceito de vontade de potência como impulsos consciências (racionais) e inconscientes (instintivos).

Nietzsche identifica na filosofia socrático-platônica um sintoma da decadência, que em nome de uma vida elevada (ideal e pura ou ascética), que é alcançada somente pela razão nega a verdadeira vida (real e terrena). Em decorrência desta crítica, a problemática da moral e dos valores da moral se torna uma questão central na reflexão nietzschiana.

Para Nietzsche, “o problema do niilismo moderno não será superado enquanto as pessoas ficarem presas ao hábito de acreditar em uma autoridade externa, que dê sentido a sua vida” (RAMACCIOTTI 2019 b). Como nas religiões, o ideal ascético de purificação na filosofia também teve um sentido. Para Nietzsche, esse ideal foi útil para que os filósofos se afirmassem como os novos conhecedores da verdade. Como consequência disso houve a negação da sensualidade, da sensibilidade, das paixões e desejos. Essa negação favorecia uma vida contemplativa, obtendo conhecimento se libertando das paixões e se elevando enquanto espírito pensante.

Se de um lado Nietzsche critica ferozmente esse ideal ascético, por outro vê nele a importância ao longo da história para o próprio filósofo existir e tirar desse ideal as virtudes filosóficas. Essas virtudes filosóficas podem ser exemplificadas como o impulso de duvidar, de negar, aguardar, o impulso de comparar, a sua vontade, neutralidade e objetividade.

Agora vamos discutir sobre a filosofia de Nietzsche, filosofia essa que afirma a vida, da vontade de potência, tendo como base o lema como alguém se tornar o que se é, subtítulo da obra *Ecce Homo* (2008).

Alves (2015) traz em seu artigo outras possíveis variações do termo “tornar-se o que se é” na obra do filósofo, tais como:

o “‘encontrar-se a si próprio’, ‘descobrir-se a si próprio’, ‘buscar-se a si próprio’, ‘formar-se a si próprio’, ‘cultivar-se a si próprio’, ‘fazer-se a si próprio’”, incluindo, claro, o “conhecer-se a si próprio”³. É devido a essas variações que delimito o foco principal desta discussão, investigando os textos que evocaram o termo da maneira mais próxima de sua primeira formulação original retirada de Píndaro: “transforma-te no que és!”. (ALVES, 2015, p. 1).

A autora ressalta que, para se chegar a ser o que é, seria necessário colocar em xeque tudo o que foi vivenciado até o presente momento, deixando de confiar em si e assim investigar como seria possível alguém conhecer-se. Essa questão ultrapassa o si mesmo exigindo constantes autoavaliações e autoexames. Esse conhecimento só pode acontecer de uma maneira intempestiva, contra si, contra seu próprio tempo, rompendo com tudo que estava dado e estabelecido como “si mesmo”, esta via seria

negativa. É nessas condições que chegamos mais próximos de maneira a ver com mais clareza “o que se é”. Nietzsche desperta em cada um a responsabilidade de se tornar quem se é. Algo que não se faz tecnicamente e de maneira massificada (LARROSA, 2009 *apud* ALVES 2015, p.3).

O “tornar-se o que se é” no livro *Ecce Homo* adquire um novo sentido, agora não mais como no texto “Shopenhauer como educador” (1873), onde algo já está dado, passando a ser uma criação de si, partindo de uma quantidade enorme de experiências anteriores que jamais se abandona. De maneira incessante o homem vai tornando o que é, experimentando novos momentos, se desprendendo do já estabelecido. Há uma vida cheia de vontade acontecendo, um movimento incessante de vida que se repete continuamente que dá voz a arte de viver, criar, recriar, interpretar e reinterpretar “quem se é”. Assim vamos dando gosto a vida enquanto seres indefinidos.

É assim que Ramacciotti (2019b) traz o conceito de afirmação de vida em Nietzsche como um antídoto em face do ideal ascético e do Nihilismo da cultura moderna. A vida para Nietzsche com tudo o que há nela: o bom e o ruim, o sofrimento as doenças e os problemas fazendo parte da existência, cuja fórmula é o *amor fati*, ou melhor, o amor ao destino que significa amar à vida levando em conta seus limites, a doença e fazendo disso um estímulo para a superação, para tornar-se o que se é.

Em *Ecce Homo*, Nietzsche sustenta em sua filosofia que buscou tornar-se quem ele era, criou o sentido de sua própria vida além de uma filosofia de afirmação da vida e de grande saúde, mesmo com uma doença incurável, tendo crises de dor de cabeça constantes, que lhe causaram muito sofrimento culminando num colapso mental em 1888 deixando inconsciente e em estado vegetativo até sua morte em 1900.

De fato, assim me aparece agora aquele longo tempo de doença: descobri a vida e a mim mesmo como que de novo, saboreei todas as boas e mesmo pequenas coisas, como outros não as teriam sabido saborear – fiz da minha vida, a minha filosofia...Pois atente-se para isso: foi durante os anos de minha menor vitalidade que deixei de ser um pessimista: o instinto de auto restabelecimento proibiu-me uma filosofia da pobreza e do desânimo...”(Nietzsche, 2008,p.23).

Por isso, para Brazil (2012), falar sobre a obra *Ecce Homo* é falar de Nietzsche enquanto sujeito agindo no mundo, não conseguimos separar sua vida de sua obra.

Pois bem, a obra em questão é uma autobiografia de nosso filósofo. Uma autobiografia que é de tal maneira escrita como produção de pensamento. Nietzsche funde em uma obra a sua própria vida (bios), a sua escrita (grafos) e

o filosofar. O texto do livro professa uma filosofia que aparece como produção de si próprio de uma vida em obra. Ela, a obra, engloba a vida, a escrita e a filosofia (BRAZIL, 2012, p.32).

Ramacciotti (2019b) retrata que Nietzsche transforma sua doença, usando dela como um estímulo para afirmar a vida, criando um sentido próprio. Foi durante os momentos de menor vitalidade que Nietzsche afirma que deixou de ser um pessimista. Levou em conta seu instinto de auto restabelecimento e nesse momento descobriu a vida e a si mesmo aproveitando tudo o que é bom, fazendo de sua vontade de vida, saúde e sua filosofia “O que não me mata me fortalece” (NIETZSCHE, 2008, p.23). Nietzsche fala da fortuna ou do destino de sua existência como uma fatalidade. A partir da doença enxerga valores sãos, a decadência é vista enquanto experiência para a afirmação de novos valores, de uma nova saúde, pondo em prática sua transvaloração dos valores.

Para Viesenteiner (2010), o tornar-se o que se é só pode ocorrer em situações concretas da vida, por meio do cultivo do homem com relação as suas vivências. O homem ao estar em uma situação concreta da vida e do mundo atravessando suas próprias vivências, estas por sua vez, devendo atuar como um cultivo de si nesta tarefa de tornar-se o que se é que, precisa ser considerada também, como um destino tendo como consequência a ideia da necessidade das coisas. A importância de cultivar a si mesmo se deve a um tipo de ação ou cultivo (*Erlebnis*) que se fará de forma avaliativa no movimento de vivência e sua capacidade de produzir o *pathos* do excesso.

Neste ponto já não há como eludir a resposta a questão de como *alguém se torna o que é*. E com isso toco na obra máxima da arte da preservação de si mesmo – do *amor de si*... Pois admitindo que a tarefa, a destinação, o *destino* da tarefa ultrapasse em muito a medida ordinária, nenhum perigo haveria maior do que perceber-se com essa tarefa. Que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente *o que é*. (NIETZSCHE, 2008, p.45).

Para entendermos a filosofia do tornar-se o que se é em Nietzsche, é preciso examinar mesmo que sumariamente o conceito de vontade de potência. Para isso recorreremos a Ramacciotti (2019b):

O conceito vontade de potência é empregado em vários textos para interpretar o que é a vida, o mundo, o corpo, em suma, para interpretar a dinâmica das forças constitutivas de todo vir-a-ser. A vontade de potência é um conceito polissêmico, ou seja, é empregado para definir todo campo de forças, que forma um corpo (ser humano, sociedade, cultura, povo, Estado, animais, celular etc.). (RAMACCIOTTI, 2019b, p. 72).

De acordo com Ramacciotti (2019b), a principal característica da vontade de potência é a interpretação, pois ao viver e enquanto existirmos, interpretamos tudo a nossa volta, damos sentidos e valores para os fatos, situações etc., damos uma direção. Em um fragmento póstumo de junho-julho de 1885/86 a vontade de potência é entendida como um conceito de força, já no livro a *Gaia da Ciência* de 1886 a expressão vontade de potência é entendida como luta pela vida, enquanto conservação e adaptação. A ideia da vida enquanto superação de si foi apresentada em sua obra *Assim falou Zaratustra* de 1883:

Onde encontrei vida, ali encontrei vontade de potência, e até mesmo na vontade daquele que serve encontrei a vontade de ser senhor (...) E este segredo a própria vida me contou: Vê, disse, "eu sou aquilo que deve sempre superar a si mesmo. (NIETZSCHE, 1983, p.237 *apud* RAMACCIOTTI, 2019b, p. 73).

A partir da definição da vida como superação de si, a vontade de potência não é mais identificada como uma noção advinda de Schopenhauer de vontade de viver enquanto conservação, passa a ser sinônimo de superação.

Barrenechea (2015) ressalta também que Schopenhauer foi o ponto de partida para que Nietzsche formulasse seu conceito de vontade de potência. Da vontade de viver de Schopenhauer, Nietzsche amplia e tira deste conceito algo novo, no momento em que o conceito de superação de si aparece em sua vida e em sua obra. Nietzsche transforma e transmuta todos os valores, ampliando o conceito de superação de si enquanto sinônimo de vida e superação. Não podemos esquecer que quando falamos em Nietzsche falamos de contrastes. O impulso de degeneração também é importante e mostra um outro lado da vida, o renascer, o se reinventar. Nietzsche fez da sua filosofia a sua vida, se reinventou, se recriou.

3. Ensino de Filosofia e o pensamento de Nietzsche

A proposta deste tópico é entender a importância do ensino de filosofia no ensino médio trazendo como contribuição o pensamento de Nietzsche. A filosofia de Nietzsche foi um grande projeto que formou uma nova concepção de humano. Seu pensamento retomou em certa medida o modelo de homem homérico ou do homem trágico, apresentado pela mitologia clássica dos gregos.

Nietzsche critica radicalmente as orientações do racionalismo que surgiram na Grécia com Sócrates, incluindo o racionalismo de Descartes até o iluminismo de Kant e Hegel. Contudo, sua crítica se direciona também ao cristianismo, que evidencia o lado fraco e subordinado do espírito humano enquanto animal de rebanho. Não ficando de fora do seu martelo filosófico a crítica à redução do conhecimento científico ao positivismo do século XIX. O próprio Nietzsche afirma que sua filosofia tem como alvo a crítica dos valores tradicionais, que ainda ecoam na modernidade, essa negação é entendida como o primeiro passo para a afirmação de novos valores, esse duplo movimento que ele chama de transvaloração dos valores.

De acordo com Acosta (2017):

Não obstante, Nietzsche o filósofo que se autodeclarava como “dinamite”, foi, entre os anos de 1869-1879, professor na Universidade de Basileia, instituição a qual galgou, em 1869, o cargo de professor de Filologia (sua área de formação), onde ministrou por uma década. Foi o contato direto com a realidade educacional de seu tempo, que o possibilitou desferir intensas e duras críticas à educação, a cultura e a filosofia. Seu olhar crítico levou-o a desvelar o apequenamento do homem, devido à precariedade das instituições alemãs e seus métodos educacionais. As reflexões acerca da crítica de Nietzsche, portanto, às instituições educacionais do seu tempo, revelam segundo o filósofo, como tais estabelecimentos de ensino eram extremamente nefastos, pois contribuíram para a massificação e mediocrização da população, produzindo uma “barbárie cultivada”. Suas reflexões sobre a educação centram-se no período de juventude, ou seja, esse período coincidiria com boa parte do tempo em que permaneceu como docente de filologia clássica na Universidade da Basileia. (ACOSTA, 2017, p.182).

Nietzsche, segundo Acosta (2017), via mediocridade na cultura e nos valores modernos. Esses efeitos afetavam o campo da educação, fazendo com que os estudantes ficassem na inércia, conformados e ignorantes com relação ao sentido da própria existência. Com isso, Nietzsche faz uma crítica ao eruditismo, que em excesso considera um saber desvinculado da vida. Para Nietzsche “cada conquista, cada passo adiante no conhecimento é consequência da coragem” (NIETZSCHE, 2008, p.16).

É preciso coragem para transformar no espaço de sala de aula fatos, situações, comportamentos, opiniões, que já estão dados e estabelecidos, em algo que pode ser investigado, analisado, aprofundado, problematizado. Este exercício possibilita a abertura para o novo, ampliando o crescimento do educando. É no ambiente escolar que a existência é colocada em xeque, em dúvida e é nesse ambiente também que buscamos as razões para um fato ou situação de existir. Esse exercício de distanciamento de nós mesmos e dos fatos a nossa volta é o que nos permite

“conhecer o que se é” e ao mesmo tempo “tornando o que se é” de forma contínua, ininterrupta.

Procurar refletir dentro do ambiente escolar atendendo a proposta da instituição e do currículo, levando em consideração os textos filosóficos e a atividade filosófica, mas buscando também que o aluno exerça a sua potência, num ambiente acolhedor das diferenças, com dignidade e liberdade de sentir e agir, fazendo do ato de filosofar a construção de significados e sentidos através da maneira como interpretamos o mundo.

Com Nietzsche, há o resgate da vida feita de contraste, onde o Apolíneo e o Dionísico, a saúde e a doença, a vida e a morte, o crescimento e a degeneração, a ignorância e a sabedoria, a razão e a sensibilidade, abrem possibilidades como uma contínua superação de si mesmo. No *Ecce Homo*, Nietzsche afirma: “Minha humanidade...é uma contínua superação de mim mesmo – mas tenho necessidade de solidão, quer dizer, recuperação, retorno a mim, respiração de ar livre, leve, alegre” (2008, p.31).

Com Melo (2018), vimos que problematizar leva a um caminho de criação de si. No ambiente escolar podemos perceber que algo pode ser problematizado e criado. Nas atividades de problematização filosófica, o aluno pode experimentar por meio dos acontecimentos do dia-a-dia, em sala de aula, mediante a realidade da vida, construindo novos sentidos, percebendo o mundo, sentindo e agindo. E por que não a partir de toda essa prática poder se tornar o que é?

Através de uma postura ativa, afirmando a sua existência, superando seus limites, exercendo sua vontade de potência. Segundo Ramacciotti (2019b), o conceito de vida como superação de si, em Nietzsche, significa que todo ser vivo quer sempre crescer, buscando mais potência e poder. De modo que, o lema do tornar-se o que se é como superação de si a partir do constante questionamento de quem se é e do sentido do mundo e da própria vida pode ser compreendido e aplicado como uma metodologia ativa de conhecimento e auto-conhecimento.

A tarefa do aluno em tornar-se o que se é em sala de aula significa ser protagonista da sua história, ter um papel ativo, se ver fazendo parte do processo entre forças antagônicas que constituem todo conhecimento e a própria vida. Trazer a história da filosofia e os textos dos filósofos, estudá-los, aprendendo a questionar de maneira crítica e reflexiva, afinal como nos mostra Ramacciotti (2019b), só se aprende

filosofar, filosofando com os filósofos, ou seja, tendo nos textos filosóficos um fio condutor do pensamento reflexivo, crítico e criativo.

Conforme Barrenechea (2015) Nietzsche deu voz a Schopenhauer e viu no seu mestre o seu mentor intelectual:

Inicialmente, quero destacar que a característica principal de um genuíno mestre, conforme a interpretação nietzschiana, consiste em permitir que o discente chegue a tornar-se “o que ele é”, que possa desenvolver a sua autonomia, as suas tendências mais singulares. Nesse sentido, todos os seus ensinamentos poderiam inspirar-se no aforismo de Píndaro, que se constitui na chave, no leitmotiv do pensamento educacional nietzscheano: “Chega a ser o que tu és”. Assim, o essencial de toda formação consiste na realização do mais próprio, daquilo que resiste a todo condicionamento externo, a toda imposição de critérios ou de ideias alheias. (BARRENECHEA, 2015, p.10).

Nietzsche valorizava a autonomia e independência de Schopenhauer. Para ser o que se é, é necessário coragem e capacidade de lutar contra sua época, contra si mesmo. O aluno só conseguirá aprender a se tornar o que é, se seu mestre abrir o caminho para isso. A magnitude do lema do tornar-se o que se é nos faz alcançar a genialidade, cultivando e respeitando as nossas idiossincrasias. Schopenhauer ensinou a Nietzsche que o pensador autêntico vive afastado das vaidades, do desejo, da notoriedade, de brilho, de reconhecimento, seja dos pares, dos discentes, do grupo em geral, ou seja:

abdica do reconhecimento dos seus contemporâneos, tolera o silêncio, o desconhecimento total em torno de sua obra, dessa forma assume uma postura de radical extemporaneidade. Esse ser humano íntegro adota uma atitude de austeridade, e conforme comentário de Nietzsche, ele é: simples e honesto no pensamento e na vida, é, portanto, intempestivo, no sentido mais profundo da palavra” (NIETZSCHE, 2004, p. 146 *apud* BARRENECHEA, 2015, p. 13).

A filosofia como disciplina para alunos do ensino médio coloca como tarefa trazer para a experiência da aula a reflexão sobre o sentido da vida, tendo em vista que tais alunos estão em uma fase decisiva de formação como futuros cidadãos, como adultos autônomos e como indivíduos em mutação. Para tais alunos a força do questionamento do mundo em que vivem é central, precisamos adotar uma metodologia ativa em sala para potencializar essa potência de querer viver uma vida nova, a disposição de questionar e de transvalorar todos os valores enquanto possibilidade, ampliação e crescimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir com base na revisão da literatura apresentada a importância do ensino de Filosofia no contexto de sala de aula sob a perspectiva de Nietzsche. O lema do tornar-se o que se é, subtítulo do livro *Ecce Homo* se aplica no contexto de sala de aula enquanto metodologia ativa, que pode levar o professor e o aluno ao exercício do conhecer-se e do conhecer o mundo, a vida, a história da filosofia, o pensamento de um filósofo, tornando o que se é a partir do exercício do pensamento, da criação de novos conhecimentos. Partindo do método reflexivo, questionador e problematizando todo o conhecimento já adquirido, como base para novos saberes.

Para se atingir o objetivo do lema “tornar-se o que se é” que é chave do projeto filosófico de Nietzsche tendo como definição uma filosofia de afirmação de vida e que pode ser adotada no contexto de sala de aula como metodologia ativa, neste trabalho analisamos os seguintes tópicos:

No tópico 1: Ensino de Filosofia, examinamos algumas leituras sobre a especificidade do ensino de filosofia que partem da definição da filosofia como antes de mais nada uma atitude questionadora e crítica diante da vida e dos valores e visão de mundo instituída.

Ghiraldelli Jr (2006) define a atividade do filósofo como uma tarefa ao mesmo tempo simples, mas também complexa. A partir de Chauí (2001) vemos que a atitude filosófica é uma atitude crítica livre de pré-conceitos em busca do conhecimento da verdade a respeito das coisas, das ideias, dos fatos, situações e comportamentos.

Ramacciotti (2019a) salienta que o professor tem a tarefa de ensinar filosofia como o próprio ato de filosofar na prática. Refletir sobre a prática do ensino de filosofia leva a pensar na pluralidade de temas e filosofias, os textos dos filósofos, seus comentadores e a atitude filosófica como recursos que permitem o pensar filosoficamente.

Favaretto (1993) fala sobre a importância dos textos filosóficos e Ramacciotti (2019) preconiza o quanto o professor é essencial como mediador deste conhecimento. Carminatti (2020) mostra as dificuldades encontradas pelo professor para o alcance deste conhecimento no processo ensino-aprendizagem e os conflitos que surgem quando o professor é submetido a uma instituição. Carminatti (2020) além de trazer os obstáculos, propõe soluções para que o professor exerça sua prática e,

seu aluno, adquira o conhecimento, sendo protagonista deste conteúdo, tomando consciência, além de refletir sobre saberes já dados, enquanto indivíduo e coletividade.

Mello (2018) avança nessa discussão e considera que as dificuldades surgem como resistências que dão a oportunidade de pensar em práticas de educação que desenvolvem o ato de criação de si mesmo, produzindo novos valores, outros modos de viver.

Concluimos o tópico 1 abordando as políticas educacionais e suas diretrizes curriculares. Documentos importantes que servem para orientar o professor de Filosofia e seu ensino.

No tópico 2, Ramacciotti (2019b) introduz alguns conceitos como a filosofia dionisíaca e apolínea de Nietzsche. Nesta filosofia Nietzsche considera a força dos impulsos como a vontade, a paixão e mesmo a desordem como algo intrínseco ao ser humano que conduz a vida dando-lhe significado e autonomia.

Para explicar Nietzsche em *Ecce Homo*: como alguém se torna o que se é, Brazil (2012) fala da importância da relação entre a vida e a obra de Nietzsche, tendo em vista que este livro é definido pelo próprio filósofo como uma autobiografia intelectual. Alves (2015) traz de forma muito clara outras interpretações para o lema do tornar-se o que se é. Viesenteiner (2010) fala da importância do cultivo do homem com relação as suas vivências para alguém tornar-se o que se é.

Nietzsche nos deu o privilégio de dividir sua vida e sua obra, descobriu a si mesmo, valorizou novas inteligências, novas formas de sensibilidade considerando um movimento constante de superação de si. Trazer no ambiente de sala de aula, partindo da diferença de cada indivíduo, algo único que fará com que cada texto filosófico, cada relação dentro deste ambiente seja particular. Algo novo será produzido, num processo crescente de transformação, baseando-se num pensamento crítico, que muitas vezes nos faz nos distanciar de nós e do mundo a nossa volta.

O professor pode fazer com que seu aluno se sinta protagonista da sua história durante todo o processo de aquisição de conhecimento e de construção da sua cidadania e de seu lugar no mundo. As experiências de cada aluno também são importantes nesse processo de construção, pois, da mesma forma que Nietzsche fez de sua vida a sua obra, o aluno pode fazer esse exercício também. Como disse Carminatti (2020), precisamos ser testemunhas de nossa desordem interior.

Cabe a nós enquanto sociedade, professor e aluno, manter em foco essa discussão sobre o ensino de filosofia enquanto fomentadora de mentes brilhantes, mentes pensantes, que abrem o caminho para a criação do sentido próprio e do exercício da cidadania. Não podemos deixar apagar essa chama do ensino de filosofia no Brasil depois de tantas lutas e do processo de redemocratização após anos de censura militar.

Nietzsche não nos deixa silenciar enquanto sujeito no mundo, e também como legado não nos deixar dominar por nenhuma força externa alheia a nossa vontade. A verdadeira emancipação deriva da liberdade e da vontade de potência. Esta filosofia de Nietzsche, em que pesa todas as suas dificuldades e limitações pessoais que ele mesmo enfrentou no convívio da sociedade da sua época, representou uma importante forma de protesto e ao mesmo tempo um grito de defesa da liberdade e do valor da singularidade da pessoa humana.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Lucas Giovan Gomes. Nietzsche professor: por um ensino de filosofia potencializador. **Refilo-revista digital de ensino de filosofia**. Periódicos.ufsm.br/refilo, Santa Maria, vol 3 n.2 – jul/ dez 2017, pp 180-194. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/30473>. Acesso em 30/05/2020.
- ALVES. Thaise Dias. “Tornar-se o que se é”: uma via negativa?. **Fermentário** N.9, Vol 1 (2015). Disponível em: [file:///C:/Users/MR/Downloads/195-394-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/MR/Downloads/195-394-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 21/08/2020.
- BARRENECHEA, Miguel Angel de. Schopenhauer como educador: Um modelo de mestre. **Poiesis Pedagógica**. Catalão-GO, v.13, p.06-14. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/40101/20493>. Acesso em 23/08/2020.
- BRASIL, Joana P.; CARVALHO, Rose, M. A Noção Moderna de Autonomia e o Papel do Aluno na Educação a Distância. **Revista de Educação**; Goiânia, v. 13, n. 2, pp. 275-284, jul./dez. 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/Rosito/Downloads/1418-4404-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Rosito/Downloads/1418-4404-1-PB%20(1).pdf) Acesso em: 10/06/2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**; Ciências Humanas e suas tecnologias, v. 4. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000. Disponível em: <<https://bit.ly/2ycFWAK>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- CARMINATI, Celso João. Sentidos do fazer e da formação do(a) professor(a) de filosofia do Ensino Médio. **GT: Filosofia da Educação** /n.17. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/gt17/t171.pdf> . Acesso em: 12/06/2020.

CERVO, A. L. & BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2007.

FAVARETTO, C. F. Sobre o ensino de Filosofia. **Revista da Faculdade de Educação**. Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 97-102, jan./jun. 1993. Disponível em: <<https://bit.ly/2IM4kaR>>. Acesso em: 6 jun. 2019.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Ática, 2006.

LEOPOLDO-SILVA, F. Currículo e formação: o ensino da filosofia. Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v. 20, n. 63, p. 797-806, 1993. Disponível em: <<https://bit.ly/2mbQAX4>>. Acesso em: 5 jun. 2019.

MELO, Danilo. A filosofia como dispositivo de transformação na educação. **Filosofia e Educação [RFE]** – Volume 9, Número 3. Campinas, SP, UNICAMP, Outubro de 2017- Janeiro de 2018, pp. 5-17. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8649637/17339>. Acesso em: 13/06/2020

NEUKAMP. Elenilton. As críticas do professor Nietzsche à educação de seu tempo. Disponível em: <https://docplayer.com.br/26885396-As-criticas-do-professor-nietzsche-a-educacao-de-seu-tempo.html>. Acesso em: 23/08/2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo: como se torna o que é**. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

RAMACCIOTTI, Bárbara Lucchesi. Nietzsche e a Fisiopsicologia da Vontade de Potência: Perspectivismo, Genealogia e Morfologia. **Estudos Nietzsche**, Espírito Santo, v.9, n.1, p.26-55, jan./jul. 2018. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/ESTUDOSNIETZSCHE?dd1=7572&dd99=view>. Acesso em 12/06/2020.

RAMACCIOTTI, B. L. **Apostila Prática Pedagógica em Filosofia I**. São Paulo: Unisa, 2019a.

RAMACCIOTTI, B. L. **Apostila Prática Pedagógica em Filosofia II**. São Paulo: Unisa, 2019b.

VERGARA, Sylvia. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. São Paulo. Atlas, 2003.

VIESENTEINER. Jorge Luiz. “Cultivo” e vivência (Erlebnis): premissas à construção da tarefa de “tornar-se o que se é” em Nietzsche. **Cadernos de ética e filosofia**. 17, 2/2010, pp.203-227. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/55714/59130>. Acesso em: 20/08/2020.